

RACISMO VAI MUITO BEM! “OBRIGADO”

Mario dos Santos Riceto⁷¹
Alessandro Reina⁷²

Resumo

Neste texto buscamos argumentar em torno da pluralidade de fontes do modo que aparece o racismo em nossa sociedade, relativamente ao conjunto de diversos fatores que perpassam o tema, sejam eles espetrais ou factuais. Se o racismo “está bem”, diferente dele e como sintoma desta discriminação, o planeta e a sociedade não estão com a saúde desejada. Como metodologia para construção do presente texto, buscamos produzir uma pesquisa baseada em materiais bibliográficos com referencial na psicologia e na filosofia e também em dados factuais atuais de origem midiática, que nos auxiliaram a pensar o tema em questão, a saber, o racismo, de um ponto de vista crítico e racional, visando a construção de uma sociedade combativa em torno da questão do preconceito racial.

Palavras-Chaves: Preconceito, racismo, direitos.

Abstract

In this text we seek to argue around the plurality of sources in the way that racism appears in our society, in relation to the set of diverse factors that pervade the theme, be they spectral or factual. If racism “is fine”, different from it and as a symptom of this discrimination, the

71 Possui graduação em Teologia pela Faculdade Evangélica do Paraná (2012), Licenciatura em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (2017), especialista em Psicologia Educacional. Membro pesquisador do G-CINE – Grupo de estudo sobre Cinema e Educação filosófica que é integrado ao Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre o Ensino da Filosofia (NESEF-UFPR) da Universidade Federal do Paraná, desde julho de 2017. E-mail: riceto10@gmail.com

72 Possui bacharelado e licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (2005). É especialista em História Antiga e Medieval (2009) e em Filosofia da Educação (2011) e Mestre em Educação pela UFPR (2014). Atualmente é doutorando em Educação (UFPR) e professor de Filosofia da Secretaria de Educação do Paraná e dos cursos de graduação e pós-graduação em Filosofia, do Centro Universitário Claretiano. Pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Sobre o Ensino da Filosofia (NESEF-UFPR) desde 2005 e coordenador desde 2016 do Grupo de Estudos sobre Cinema e Ensino de Filosofia (GECEF) do Centro Universitário Claretiano. E-mail: alessandroreina@claretiano.edu.br

planet and society are not in the desired health. As a methodology for the construction of this text, we seek to produce a research based on bibliographic materials with references in psychology and philosophy and also on current factual data of mediatic origin, which helped us to think about the subject in question, namely, racism a critical and rational point of view, aiming at the construction of a combative society around the issue of racial prejudice.

Keywords: Prejudice, racism, rights.

Introdução

Supõe-se que uma estratégia, da cor ser apenas um meio com objetivo de favorecer um grupo e poder inferiorizar o outro, de modo que se obtenham vantagens. Segue a lógica do lucro que afeta o planeta e garante o “sucesso” do racismo. Isto significa uma interação entre predador e presa, algo percebido em organismos vivos não racionais e determinados, porém, também observamos o mesmo na relação entre as pessoas, em que um ser ou coletivo, se beneficia ao consumir outros indivíduos os colocando em desvantagens para serem explorados. Para isso, há uma privação dos direitos, indiferença e rebaixamento. A degradação é feita com a finalidade de predação dos mais fragilizados, levando a uma servidão obrigatória ou voluntária, podendo chegar até sua morte.

A presença do racismo em nossa sociedade vem se tornando algo que é difícil de erradicar, nos vende a sensação que é imortal, um “bicho de sete cabeças”, expressão popular, que indica algo quase impossível de solucionar. Difícil tanto quanto eliminar Hidra⁷³, personagem da mitologia grega, uma serpente que tinha sete cabeças e espalhava o medo e a violência na região de Lerna, mito que inspirou o apóstolo João a escrever sobre o dragão de sete cabeças do livro bíblico “Apocalipse”. O veneno da Hidra não tinha antídoto, quando cortava uma cabeça logo apareciam duas no lugar. Ao que parece, falar destas criaturas estranhas seja a melhor metáfora para compreendermos as monstruosidades que o racismo tem causado às pessoas e o quanto ele é um desafio gigante para superá-lo.

Nosso objetivo neste artigo é compreender um pouco mais sobre a performance do preconceito racial, assim como chamar atenção para alguns movimentos sociais que querem utilizar o tema de forma impactante, para ocultar outras violências e fontes de desigualdades sociais, atendendo a inteligência da complexidade, que é um método de buscar sempre conversar com os diferentes saberes, na composição

73 Fontes Antigas: A mais antiga referência ao trabalho é a Teogonia de Hesíodo (Hes. Th. 313-8). Hesíodo viveu no ano VIII a.C. Eis outras fontes importantes: Estesícoro (FS15.col2.5-17), Eupípedes (HF.419-24), Pseudo-Eratóstenes (Cat.11), Pseudo-Apolodoro (2.5.2), Diodoro Sículo (4.11.5) e Pausânias (2.37.4).

de uma nova inteligência que favorece o pensar coletivo, transdisciplinar, pluridimensional, uma educação para o pensar que fortaleça nosso senso de responsabilidade e de solidariedade.

Notamos atualmente, uma educação para os saberes compartmentados, que não atende a percepção de uma necessidade real, basta ver, a missão para marte em busca de princípios biológicos, ou seja, traços de vida, o que é interessante, contudo, ainda não sabemos apagar de forma eficaz os incêndios que acontecem na natureza (como os incêndios que aconteceram na Austrália e recentemente na Amazônia e no Pantanal aqui no Brasil). Essas queimadas acabam com os princípios biológicos e com todos os traços de vida, o que gera uma enorme contradição ao buscarmos vida em outros planetas, quando na verdade, não somos capazes de preservar a biodiversidade que existe aqui na Terra.

Para uma educação multidimensional, lembremos dos alertas dos grandes pensadores, tais como Nietzsche (2005), que nos ensina que a missão primeira da escola é ensinar a ver. Sartre (1965) nos alerta que as pessoas com sentimento racista tem medo do raciocínio, são impermeáveis a novas ideias, enquanto o homem sensato está aberto aos argumentos. Hannah Arendt (2009) estabelece o homem ontologicamente pelo seu nascimento, por esta condição humana carrega a faculdade de agir de iniciar algo novo. Já Bergson (1979), enfatiza a importância da intuição, com ela podemos perceber o quanto a tecnologia e a modernidade tem o potencial de robotizar e empobrecer nossa subjetividade. E como arremate lembremos a teoria de Freud (1996), que em seu método terapêutico de “falar livremente” faz com que afetos estrangulados na garganta possam ser expurgados.

Transformando o preconceito com o pensamento e a linguagem

Quando propusemos a escrever sobre o racismo, não imaginávamos as dores e espanto que estende o tema, conforme a representação que fazemos, de acordo com a representação que temos do tema, o espaço entre o observado e observador deflete-se, isto é, tem-se uma identificação com o comportamento racista ou não se tem. A relação que fazemos entre pensamento e linguagem podem alterar nossos afetos. Quando supostamente entendemos o racismo como uma discriminação social baseada na crença que há diferentes raças humanas e que uma é proeminente as outras, construímos uma definição, contudo, seria somente esta a definição? Alteraria os distanciamentos subjetivos em relação a este comportamento, se considerarmos que o racismo é uma concepção que as “vidas de algumas pessoas são mais importantes do que outras”?

Podemos pensar que o racismo faz parte do conjunto das coisas que “são da maneira que são”, algo que faz parte da vida como natural e necessária, assim como, podemos inferir que as coisas “estão do jeito

que estão”, e sendo assim, possuem potencialidades transformadoras, antagonicamente as coisas que “são o que são” trazem com elas capacidades imobilizadoras, impedindo de agir sobre elas. Como exemplo, considera-se a afirmação: “O brasileiro precisa ser muito estudado, pela quantidade de racismo no seu país”, esta frase tem seu valor como pesquisa e como estudo de qualidade, mas algo mais urgente que por hora pode prescindir esta última afirmação, é a necessidade premente que o brasileiro precisa, mais do que ser estudado, “é estudar e estudar muito”, dinâmica que porta possibilidade inovadora. Mais uma vez se vê a relação entre pensamento e linguagem, relação que traz elementos que podem conservar ou transformar este preconceito.

Ao refletir sobre o conjunto das coisas que “são o que são” e por isso possuem características naturais e petrificadas, considera-se o pensamento do filósofo Sartre (1965), que defende a ideia que o homem sensato está aberto aos argumentos e sabe que seus raciocínios são apenas prováveis e que outros pontos de vista podem desestruturar suas convicções, já os indivíduos com sentimentos racistas são impermeáveis, não aceitam nada além do que já foi encontrado, pois têm medo do raciocínio.

Para Sartre (1965,) há pessoas que são atraídas pela constância das pedras. Querem ser maciças e impenetráveis, não querem mudar – pois onde a mudança as levaria? Trata-se de um medo primordial de si mesmo e um medo da verdade. E o que as assusta não é o teor da verdade, do qual aliás nem desconfiam mesmo, mas sim, a forma do verdadeiro, esse objeto de contornos indefinidos. É como se a própria existência dessas pessoas estivesse permanentemente em suspenso. Mas elas querem opiniões adquiridas, querem opiniões inatas; como têm medo de raciocinar, desejam um modo de vida no qual o raciocínio e a indagação tenham papel apenas subalterno, no qual só se busque o que já se descobriu, no qual o que já é nunca se transforme. Para isso, restam apenas as paixões.

Certamente há articulações racionais no comportamento racista. De acordo com Sartre (1965), porém, está articulação racional apenas gira em torno de suas ideias cristalizadas, não se tem um raciocínio crítico que percorra a trajetória histórica, cultural e sociológica, em relação ao objeto de discriminação, tampouco, há interesse em realizar uma pesquisa que descole os processos da filogênese (história da espécie), e ontogênese (história do indivíduo). Segue a lógica do “pós-fato” a qual diz respeito à confiança dadas as matérias publicadas, comentadas e repassadas nas mídias sociais, e que influenciam na constituição da opinião pública, mesmo quando não correspondem aos fatos.

Não corresponder aos fatos nos remete a obra prima do cantor Cazuza com a música “O Tempo não Para” (1988), na qual ele fala em uma das estrofes que: “A tua piscina está cheia de ratos; tuas ideias não correspondem aos fatos”, aborda neste trecho, a situação política do país e ao mesmo tempo sua batalha pessoal contra AIDS, onde segundo relatos, devido a tal doença, ele teria sido discriminado e impedido de utilizar uma piscina pública certa vez.

Esta música é uma obra de arte que permanece atual. Cazuza por viver diferente, adoecer diferente e morrer diferente, precisou enfrentar o ódio do preconceito, notamos esta hostilidade em outro fragmento da música onde ele canta “ te chamam de ladrão, de bicha, maconheiro, transformam o Brasil inteiro em um puteiro, pois assim se ganha mais dinheiro”. Cazuza além de falar de si de maneira intensa e objetiva, expõe as ofensas que são endereçadas às pessoas que apresentam um modo de viver fora dos padrões, também representa a voz da classe artística, sempre muito crítica ao governo vigente e ao regime militar, deixa um alerta que nos alcança hoje e quer mostrar que, enquanto ele e muitos outros ainda sofrem acusações e discriminações, o Brasil vai sendo roubado e posto à venda para satisfazer a ambição dos poderosos.

A música “O tempo não pára” de Cazuza, privilegia o pensamento existencialista de que não há conceito humano pronto e acabado, isto é, que comportamentos carregam potencialidade de mudança, quando Cazuza canta: “Saiba que ainda estão rolando os dados...Porque o tempo, o tempo não para”! O futuro e o presente estão em aberto, a mobilização da sociedade é uma possibilidade, no sentido de deflagrar afeto e razão para ações coletivas proativas que combatam injustiças sociais e políticas.

Se o tempo não para, desta forma, ele pode trazer transformações, visto que, as coisas estão em processo, diante disso, imaginam-se conteúdos que produzem energia na consciência, tem-se uma expectativa que algo bom pode acontecer (esperança), ainda assim, há um risco que se apresenta no fato de se ter prazer no pensamento e ignorar ou desconcentrar da vida, enquanto acha-se entretido pela lógica da esperança, tal e qual na proposição : “que o tempo é o melhor remédio”, a pessoa pode estar se tolhendo de perceber e se aplicar no mundo que está face a face com ela, distraindo para não focar no mundo que se vê, que é o mesmo que se relaciona, ocupando-se com a consciência imaginada prescindindo a consciência vivenciada.

O discurso antirracista

Este desfocar da vida pode-se notar em alguns discursos feitos por especialistas que se preconizam contra o racismo. Verifica-se que na sua linguagem, que falam de outro lugar, transparecendo “*outsider off*” em relação ao tema. Constata-se um fenômeno psicossocial que chamamos neste trabalho de “estranheza preocupante” que oportuniza um terreno fértil para o racismo dar frutos, não somente especialistas que pesquisam a asserção, mas muitos cidadãos não reconhecem tal comportamento como sensível e íntimo. É possível que alguns temas que nos parecem estranhos seriam aquilo que nos é familiar e conhecido, e por este motivo Freud (1919), afirma: “Esse estranho não é nada novo ou alheio, porém algo que é familiar e há muito estabelecido na mente e que somente se alienou desta através do processo de recalque”.

O humor é um dos sintomas que aponta para o quanto estamos implicados e enredados com o racismo, propendemos a pensar no humor como algo inofensivo, algo que pode ser positivo para a nossa saúde, mas o humor também tem sua dimensão escura, e todos devemos estar inteirados disto. De quando em quando, o humor pode levar a resultados desfavoráveis e prejudiciais contra os outros, e devemos estar refletidos de quando e como isso pode acontecer.

Há uma suspeita uma certa hesitação que o antirracismo contemporâneo porte uma “estranheza preocupante” e que hoje seja mais uma outra forma de racismo. Por conjectura podemos considerar que a ausência de educação pode criar uma desvantagem social mais ampla do que a cor da pele? Caso seja uma hipótese plausível, desvela-se a inconsistência da crença no antirracismo que cada dia mais se configura como um *excellent business* e ótima fonte de lucro.

É o caso da Empresa esportiva americana *Nike*, que recentemente alcançou seu maior valor histórico na Bolsa poucos dias depois do lançamento do controverso anúncio protagonizado pelo jogador de futebol Colin Kaepernick, atleta que se tornou um símbolo antirracista. Na campanha aparece sua imagem em vários lugares com a mensagem: “acreditar em algo, mesmo que isso signifique sacrificar tudo” (*Just do it*). Esta empresa esportiva vem a mais de trinta anos supostamente associando sua “marca a valor”. Seria isso um princípio ético ou apenas uma forma de negócio? A campanha potencializou quando as imagens dos seguidores de Trump responderam queimando seus materiais esportivos e a hashtag *#Boycott Nike*, se transformando em *trending topic*.

O antirracismo pode receber mutação, tomar formas diferentes e nem sempre desejáveis, alguns filósofos como Pierre- André Taguieff ou Abnousse Shalmani frequentemente procuram identificar as máscaras que ocultam as maneiras proditórias e avessas a outras comunidades. Taguieff (1987), compartilha que a questão do racismo e antirracismo é o lugar onde respira-se preconceito, é infinitamente mais complexo do que se prevê. Para Taguieff (1987), há um mesmo jogo de linguagem nos discursos com intenção racizante e antirracista, valem-se dos mesmos indicadores de origem, buscam valores semelhantes. Segundo Taguieff (1987), a “situação eminentemente paradoxal, onde o diálogo de surdos surge [...] de um singular acordo sobre as palavras, de um consenso estranho sobre os valores e normas (em torno da “igualdade na diferença”),” ele se utiliza da alegoria de Rudolf Carnap (1891-1970), para demonstrar a dificuldade a ser enfrentada: “Lutar contra o racismo, é como tentar consertar um barco que navega no oceano agitado por uma tempestade.”

Outro elemento que pode passar invisível a nossa visão podendo moldar nossa percepção, é a condição “*ad hoc*” que este tema teria para as estratégias políticas, não se tem interesse de consertar o barco, este com defeito tem grande serventia, e sim interesse em focar na tempestade, que com auxílio das *mass media* sobrepõe fatos, deixando-os remotos na consciência coletiva, ao mesmo tempo em que minimiza responsabilidades dos atores políticos.

Historicamente, nunca tivemos acesso a tanta informação como atualmente, entretanto, nunca tivemos tanta fragilidade em nossa percepção de conjunto. Temos uma fragmentação das fontes de informação, convivemos com a estandardização, com a repetição da mesma notícia em vários ou todos os meios de comunicação, o que torna a informação veiculada uma verdade “insuperável”.

De outro modo do que se imagina, considera-se a noção das raças como algo que não é real, e no sentido amplo, podemos pensar que temos apenas uma raça, a humanidade, no sentido estrito, faz-se uso da negação que é um mecanismo de defesa emocional, por meio do qual privamo-nos de reconhecer que há um problema, diferente dessa percepção o racismo está em nosso meio, “está no jeito de olhar”, “está no abraço e no beijo”, está dentro e fora de nós.

A dificuldade que se apresenta é que a raça não é apenas um conceito, mas também faz parte da realidade simbólica, é um processo contínuo uma ideia sempre remodelada pelo consenso na sociedade (senso comum). O assombro que sentimos é pelo fato que, algumas vezes somente notamos a violência do racismo nas imagens impressionantes e repugnantes disseminadas pelos canais midiáticos, há um estarrecimento coletivo como se naquela cena houvesse um ineditismo no seu comportamento discriminatório, tristemente a originalidade está apenas nas vítimas.

Espanto com a Necropolítica⁷⁴

Recentemente presenciamos o caso de George Floyd, efetivamente inadmissível, inconcebível, momento em que Derek Chauvin assassinou George Floyd em plena luz do dia para todo o mundo ver, esta violência nos traz espanto, e nos chama atenção o enunciado, “para todo o mundo ver”, poderíamos pensar “que todos, muitos ou poucos viram,” mesmo sendo em plena luz do dia? Caso cogitamos que a ação de ver não é uma coisa natural, necessita ser aprendida. Segundo Nietzsche (1889), o ato de ensinar a ver, deveria ser o principal objetivo da educação. Motivo semelhante tem Vinicius de Moraes na música “Operário em Construção” (1959) onde canta: “De forma que, certo dia, à mesa ao cortar o pão, o operário foi tomado de uma súbita emoção, ao constatar assombrado que tudo naquela mesa, garrafa, prato, facão, era ele que fazia. Ele, um humilde operário, um operário em construção”. Constatar que precisamos “aprender a ver” pode trazer a possibilidade de andarmos menos claudicante e pensarmos modos diferentes de perceber e viver em sociedade.

74 Necropolítica é um conceito cunhado em sua obra homônima (2018) pelo filósofo camaronês Achille Mbembe. Literalmente significa uma “política da morte”, que pode ser verificada nas ações de governos, instituições e em organismos que deveriam zelar pela vida e bem estar do ser humano, principalmente os mais vulneráveis, mas que por meios políticos geram o adoecimento, o esquecimento e a morte, seja pelas ações das políticas neoliberais, seja pela omissão em termos de política pública, e gestão aliados a uma lógica de mercado.

A morte de Floyd no dia 25 de maio de 2020, aconteceu no momento em que os Estados Unidos estavam sofrendo perdas irreparáveis de vidas, um número lamentável de mortes, chegando até aquela data, mais de cem mil pessoas vítimas do covid-19, vírus que afeta os pulmões e a capacidade de respirar, concomitantemente, um homem é assassinado clamando por *“Let me breathe”*, (deixe-me respirar). Quando o mundo todo está em busca de aparelhos que ajudam na respiração, um homem negro, no lugar das algemas, recebe um joelho de um policial no seu pescoço impedindo de respirar e é aconselhado a não falar, pois gasta muito oxigênio.

Uma imagem que ganha o mundo e o Brasil em especial pelo fato de importar mimeticamente dos EUA Referências políticas, econômicas, culturais, mimetismo que nos tira do nosso lugar de fala, simbolicamente entubados na dependência de um poder que nos aconselha a não falar, pois gasta-se muito oxigênio. Não falar e não ver importa para um poder que é um dos maiores responsáveis pelas milhares de vidas que foram vítimas do novo coronavírus, em um ano onde se realizará as eleições presidenciais, deste país, uma imagem forte, de um crime racial, com ares de crueldades, envolvendo o mesmo elemento vital (a respiração) da pandemia.

Na psicologia freudiana encontramos os mecanismos de defesa, mecanismos psicológicos do eu, que servem para reduzir os conflitos internos, diminuir ansiedades que podem prejudicar a saúde em geral do ser humano. A “condensação” é um destes mecanismos de defesa da psique, e ela ocorre quando vários elementos como imagens, pensamentos, memórias que são representadas apenas por uma imagem ou pessoa, isto é, um objeto representa várias ideias. Como hipótese podemos pensar que é possível existir uma condensação no inconsciente coletivo, e a morte de mais cem mil pessoas pode estar sendo representada ou “utilizada politicamente” na morte de Georg Floyd. A condensação, mecanismo de defesa inconsciente, possui algumas funções: afastar-se, negar ou distorcer a realidade; favorecer os relacionamentos sociais; abrandar afetos ou emoções perturbadoras.

No ano de 2016, ano de eleições presidenciais nos Estados Unidos, as notícias sobre refugiados e imagens dramáticas impactaram o mundo, como a do menino sírio de 2 anos Alan Kurdi, encontrado morto em uma praia da Turquia, que se tornou um dos símbolos dos refugiados. Imagens de violência racista contra os refugiados, que influenciaram no resultado das eleições, baseada em narrativas sobre o recenseamento racista e sentimento anti-imigrantista.

Notamos em grande medida as apropriações da política da morte (necropolítica), do racismo, e de nossa atenção, através de imagens, textos, áudios, discursos etc. Estes apoderamentos consolidam suas produções, quando conseguem distorcer a realidade, retirar da vida sua faculdade de nomear a vida como vida, fabrica-se na sociedade um clima de violência social onde temos permanentemente próximos um inimigo. Cria-se um mundo com sentimento de que sempre há

conluios, conspiração, valoriza-se a habilidade ou ação para enganar, em detrimento da habilidade para não se deixar enganar e deixar-se engajar de maneira proativa.

Espanto com a necropolítica

Estas apropriações já analisadas por alguns dos expoentes como Roberto Espósito e Agamben no conceito de Biopolítica, Foucault que trabalhou a teoria da disciplinarização e em suas últimas conferências, discorreu a respeito da politização da vida e atualmente a discussão ganha novos contornos com o filósofo camaronês Achille Mbembe acerca da necropolítica. Hoje em dia convivemos com a politização da vida e a politização da morte. Importante notarmos que a instrumentalização das nossas mentes, do racismo e da morte, indigita para um sintoma de algo mais específico, visto que, transcendem a política da morte e assumem uma nova faceta que é a “morte da política”.

A morte da política se realiza quando a paranoia de desconfiança e suspeita dominam o ambiente de convivência. Busca-se sempre alguém para culpar por nossos problemas, em razão de ocupar-se de causas mais complexas, como administrar conflitos visando o bem comum. Começando pelo conflito de enfrentar suas próprias dissonâncias cognitivas, lamentavelmente se ocupa com o que dá menos trabalho e prazer emocional; perseguir agressivamente grupos por simpatizarem por escolhas partidárias diferentes ou pertencer há um grupo minoritário.

Assim sendo, somos levados a odiar, sentimento que nos dá falsa sensação psicológica que fizemos a nossa parte, como se fosse uma tarefa necessária ter um desafeto ou possuir um inimigo. Ao que se observa, em termos midiáticos, parece ser mais fácil aglutinar um grupo de pessoas para promover o ódio, a discriminação e o preconceito a uma minoria, do que aglutinar pessoas capazes de ajudar, de promover o bem e de fomentar um discurso de amor ao próximo. Infelizmente nossas crenças sobre as possibilidades de esclarecimento com o desenvolvimento tecnológico e ampliação da comunicação via redes sociais parece ter sido um grave engano.

O problema, porém, não se concentra na tecnologia e seu desenvolvimento, mas sim do uso que temos feito da mesma nos últimos tempos. Assim como é difícil ou quase impossível um mínimo de felicidade em um lar onde reina a desconfiança, pode-se imaginar a condução política de uma nação. A cerimônia de despedida enlutada da política, reúne e agrupa cidadãos de “bem e de bens”, mas não necessariamente pessoas más. O que os une inconscientemente, é a ignorância, a alienação, uma condição existencial de carência de sentido em suas vidas, o que explica o negacionismo, a renúncia à ciência e o desprezo à inteligência e pensamento crítico. Momentos de fazermos “votos” para que a política se recupere. É pouco pensarmos que a política é somente uma significação despercebida? Importa renovar nossos votos

de coexistência? Precisamos refletir, e talvez nunca a humanidade tenha necessitado tanto da filosofia como nos dias atuais.

Inteligência da complexidade frente ao racismo

Nas atividades com o ensino médio em 2020, uma das atividades que realizamos como alunos na disciplina de filosofia, foi elaborar uma entrevista com os pais dos alunos das classes iniciais do ensino fundamental. Aqui selecionamos uma das perguntas feitas: “O que o senhor (a) espera da escola em relação a educação de seus filhos”? Uma das respostas que sumariou vários feedbacks: “levo meus filhos quase todos os dias à escola, e nos envolvemos na medida do possível, desejamos que a escola ensine as crianças a serem independentes e, acima de tudo, ser bons cidadãos. É muito importante que as crianças considerem suas comunidades e sua sociedade a ser empática com outras pessoas, para tentar melhorar suas comunidades para elevá-la e ter pensamentos cívicos”. Hannah Arendt (2009), pensava que o homem possui um potencial de agir para iniciar algo novo, se estabelece ontologicamente pelo nascimento. Arendt (2009), salienta que a condição humana, no autêntico e singelo ato do nascimento ocorrer dia a dia, carrega a possibilidade do aparecimento de algo extraordinário.

Seguramente um desejo de todos nós, em contrapartida, a este desejo excelente dos pais entrevistados na escola, notamos um enraizamento do preconceito no âmago de nossa sociedade, um mal-estar que fragiliza as convicções ideológicas da “democracia racial”. Nesta ideologia defende-se uma miscigenação sem conflito racial ou de classe, discurso que pretende legitimar relações de poderes, que resistem em retificar os problemas históricos.

Os comportamentos e tendência do nosso tempo, utilizam a palavra “o bem” como um significante da linguagem para influenciar pessoas, “cidadão de bem, promovendo o bem, fica tranquilo que ele é do bem, troco do bem ou da bondade, campanha do bem, bem-você, delivery do bem, zap do bem”, e a mais usada é a expressão “tudo bem?” que geralmente significa “oi”. A frivolidade retira o significado da palavra “bem”. Ao mesmo tempo que extrai nossa capacidade de pensar.

Supomos, que se a questão do racismo, acontecesse na ordem do bem ou do mal, erradicá-lo seria menos fastidioso, como não entendemos dessa maneira, tomamos nesta pesquisa o racismo como um desafio ao raciocínio, isto é, um esforço na harmonia entre inteligência e a intuição. Entende-se aqui a intuição conforme Bergson (1979), a intuição como um instinto da inteligência, instinto que age livremente e no seu desdobramento transforma-se em intuição, se a inteligência cria e utiliza métodos científicos, não obstante, não entra no objeto. Já a intuição entra no objeto, mas apenas terá êxito se utilizar os métodos científicos com foco no sentido da vida, enquanto a inteligência pura se ocupa com o objeto para medir, avaliar, calcular, igualar, equiparar, assemelhar. Se uma prioriza categorização do objeto a outra prioriza

a vida. Será preciso um nexo entre as duas, para restituir o que há de melhor no ser humano, sua quintessência.

De maneira oposta, observamos um empenho na sociedade para denegar, naturalizar e invisibilizar, a existência de um preconceito histórico-cultural de classe e cor. Consideramos que a inteligência da complexidade pode de alguma forma organizar os discursos para compreender, e principalmente intervir na heterogeneidade do preconceito de raça.

Perspectiva psicológica frente ao racismo

Como hipótese, levamos em conta a dimensão psicológica do ser humano e de como seu aspecto *sui generis* de pensar pode produzir preconceitos, a partir de uma necessidade psicológica entranhada. Uma pessoa se for ordenada de jeito peremptório, imperativo a não ter comportamentos discriminatórios, ser tolerante a uma determinada raça, talvez isto poderia produzir efeito inverso, o que poderia ser simpatia e tolerância, poderia produzir ódio.

Acelerações tecnológicas e econômicas, e as próprias necessidades familiares e pessoais, podem levar a imposição psicológica de precisar tomar decisões rápidas e seguras, diante de uma situação ambivalente, neste momento ficamos angustiados e desconfortáveis, logo, tendentes a fazer generalizações sobre outros. Com objetivo de diminuir a tensão desta ambiguidade e acabar com o vazio da incerteza, busca-se informações mais óbvias, procura-se reduzir os dados, quanto menos elementos melhor. O que acontece geralmente nestes momentos de pressa, é que classificamos pessoas, inferindo como normas sociais e qualquer argumento que se oponha a essas categorizações, precisam ser eliminados com objetivo facilitar decisões diárias e manter ganhos.

Entendemos que categorizar também é um elemento da nossa psique cognitiva, que garante nossa sobrevivência, identifica objetos, consolida identidades, fazendo parte da teoria da construção social. Contudo, um argumento petrificado um conhecimento negativo que se repete, somado a necessidade de dar respostas rápidas ou alcançar metas, acaba sendo uma fonte para favorecer este preconceito. Hipoteticamente, se no lugar de estereotipar, tivéssemos a convicção de que somos grupos culturais, e portanto, características distintas, poderia haver uma transformação significativa?

De maneira curiosa, estas classificações podem acontecer de forma diferente, se a experiência que tenho se referem a simpatia e amizade, o conhecimento adquirido é outro, mesmo que tenha que dar uma resposta rápida sobre este grupo as considerações serão positivas. Categorias sociais são úteis para reduzir as complexidades, infelizmente quando acrescentamos certos atributos a essas categorias, elas podem levar a discriminações. Assim como, este preconceito pode ser aprendido na sociedade, podemos dizer também, que ele nasce de uma necessidade humana inata que nos obriga a categorizar, uma anterioridade de

nossa espécie para categorizar espontaneamente para evitar perigo, mantendo-se em segurança.

Importante mencionar outro fenômeno cognitivo de nossa mente, que se refere a nossa percepção de padrão em contextos de caos. A psicologia chama de *Apophenia* que é a tendência humana de ver conexões e padrões onde não existem (objetos e ideias). Podemos somar ou combinar a essas categorias os condicionamentos sociais, as ideologias, os comportamentos aprendidos de uma geração para outra de discriminação e segregação, que contribuem para aumentar os sentimentos negativos a respeito de determinados grupos.

Se por um lado, temos a naturalização do racismo estrutural⁷⁵, os quais precisam ser desvelados, de outro modo, temos alguns aspectos do racismo que são espontâneos. Importa compreender estas graduações, estas percepções nos dão novos olhares em direção a uma sociedade mais consciente e inclusiva. Podemos levar em conta também os distúrbios mentais, que depois dos protestos em vários países do movimento popular *Black Lives Matter*, entrou em discussão o transtorno obsessivo-compulsivo⁷⁶(TOC) no tema do comportamento racista. Pessoas com TOC experimentam um sofrimento grande quando suas obsessões aparecem como: sentimentos, pensamentos, imagens ou sensações desagradáveis, frequentemente uma pessoa com TOC realiza suas compulsões (comportamentos, atos mentais) para aliviar temporariamente a ansiedade e sentimento de que algo está errado. Assim como, vemos pessoas com comportamento de toda hora “lavar as mãos” ou ver se “fechou a porta” várias vezes, também se discute as evidências de que pensamentos intrusivos sobre o racismo afligem diversas pessoas.

Muitas pessoas reconhecem o quanto há de violência em ser racista contra negros, indígenas e outras pessoas de cor (BIPOC), mas não se reconhecem que praticam tal preconceito, há outras que tem ações racistas e realmente pensam que os BIPOC são inferiores. Quem sofre de TOC tem constantemente pensamentos intrusivos mesmo que nunca ou algumas vezes tenha atos preconceituosos, tem imagens e pensamentos detestáveis, incluindo as dúvidas de ter realizado tal comportamento. Pessoas que não tem TOC, cultivam pensamentos indesejáveis de racismo, mas não com tanto sofrimento, de certa forma difícil se livrar desse preconceito racial.

Os afetos que alimentam o racismo, são componentes essenciais para compreendermos um pouco mais sua complexidade. Segundo a psicanálise, no ódio, especificamente, encontramos ambiguidade acentuada, pois assim como carrega a denominação de crime de ódio,

75 São as estruturas da sociedade que promovem de maneira direta ou indireta o preconceito racial e contribuem para perpetuar as desigualdades.

76 TOC, ou transtorno obsessivo-compulsivo, é um distúrbio psiquiátrico de ansiedade descrito no “Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais – DSM V” da Associação de Psiquiatria Americana. A principal característica do TOC é a presença de crises recorrentes de obsessões e compulsões.

todavia, o ódio é constituinte do contorno do eu, sem ele o ser humano seria incompleto, ele plana pela vida psíquica é um componente basilar na afirmação do eu, no fortalecimento de nossa identidade e representação da relação do eu com o outro.

Amplificar uma escuta interna e social do ódio, aprender a codificá-lo, ousar novos raciocínios, estabelecer novas relações com este afeto, pode ser útil a fim de criar recursos incomuns em nossa economia psíquica, com objetivo de reduzir as peripécias e inconstância do ódio nas suas manifestações de racismo, indiferença, sadismo, desejo de causar dano, excluir o outro para obter vantagens.

Considerações finais

Conhecer a si mesmo, pode ajudar-nos a entender o outro, mesmo que nossa cultura seja narcisista, individualista, e como sintoma desses comportamentos estamos vivendo o século da “síndrome do pânico, da pandemia, e do pancrácio”, este último uma luta grega semelhante ao MMA, uma metáfora para o “vale tudo” que estamos vivendo. Estes três elementos com prefixo “pan”, representam uma provável leitura da subjetividade da nossa época que alimentam a violência do racismo em nossa sociedade.

Se “todos” os infernos que eu estou passando, a fonte deles está no outro⁷⁷, logo, o outro, esse indivíduo, dificulta nosso sucesso, e se insistimos com estes pensamentos, ocorre em nossa psique um disparo de nossos impulsos agressivos, que prosperam, tomam o protagonismo do eu. O resultado desta hostilidade psíquica é de não querer pensar que há um outro, que pensa diferente, deseja outras coisas, que pode acreditar em quem ele quiser acreditar, que possui autonomia, que tem etnicidade diferente, e, portanto, tem o direito de ser, de existir.

De outro modo, se considerarmos que estes infernos que vivenciamos, boa parcela deles ou “todos”, a origem está dentro de nós, há uma abertura para a questão terapêutica por excelência: O que nós queremos mudar nessa história? Ou algo mais próximo, “o que quero mudar nisso?” Reflexão que pode nos tirar da situação de objeto desta crise, para enfim termos uma participação subjetiva nesta restrição. É libertador admitir, “por nossa posição de sujeito, que somos sempre responsáveis” (LACAN, p.858, 1998).

Não consideramos neste texto propor uma erradicação do racismo através de métodos prestidigitadores, mas, de colocar nossa energia, nossos investimentos psíquicos em dialetizar nossos impulsos agressivos, simbolizando-os, dando-lhes outros sentidos, representando e afirmando que há outras maneiras de relacionar-se com o outro em uma confluência de amizade, uma vez que todos somos responsáveis pelo racismo.

77 Uma referência a famosa frase do filósofo francês Jean-Paul Sartre que afirmou certa vez que “o inferno são os outros”.

Freud (1996), refere-se a “cura pela fala”, que podemos extrair sentimentos e comportamentos tóxicos e que estão nos asfixiando através da regra de ouro da psicanálise de “deixar falar livremente”, onde em sua teoria, defende que a linguagem pode deslocar ação e ab-reagir o afeto. Quando ideias são recalcadas de forma violenta, elas retornam em algum momento de maneira super violenta. Neste sentido, nossa hipótese é que todos os personagens envolvidos neste preconceito racial sejam livres para falar o que pensam e o que sentem sem serem criminalizados. Se possível fosse estereotipar o teor deste conceito freudiano, isto é, uma epítome do conteúdo de sua teoria nas suas relações dinâmicas, poderíamos utilizar a expressão “comunica que muda”.

Se aqui hipoteticamente defendemos o espaço de fala do sujeito racista, de outra maneira, desafiamos que a nossa polidez, não nos impeça de intervir em ações racistas, que não se torne tardega nossa responsabilidade de prever, prevenir, intervir; e nosso discurso de procurar ser reservado, que não esconda nossas covardias, que a nossa intuição se antecipe para não precisar chegar ao ponto de que o pânico e a pandemia venham legislar por nós, estabelecendo que todos são responsáveis por todos.

Se opor ao equilíbrio de dois ou de duas maneiras de ver um fenômeno, abraçar uma diversidade de argumentos e sentimentos, é abraçar uma heterogeneidade de pessoas. Nenhuma perspectiva é completa e perfeita, opiniões, pontos e contrapontos e ideias boas podem vir de muitos lugares, destarte, convém procurar sempre em vários cantos, da mesma forma deixar falar os diversos personagens. É uma forma de pessoas e temas não serem enredados pelo poder, pois estas falas carregam a possibilidade das pessoas de se organizarem subjetivamente e socialmente.

Referências

ARENDT, H. **A Condição humana**. Tradução Roberto Raposo. São Paulo: Forense Universitária, 2009.

BERGSON, Henri. **A evolução criadora**. Cartas conferências e outros escritos. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. 200 – 202. Coleção “Os Pensadores”.

CAZUZA. O tempo não para. (1988). Disponível em: <<https://www.cifraclub.com.br/cazuza/o-tempo-nao-para/>>. Acesso em; 13/10/2020.

FREUD, S. (1919/1996). **O estranho**. Obras completas, ESB, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago Editora.

_____. **Estudos sobre a histeria (1893-1895).** In: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v.II. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, J. **A ciência e a verdade.** In J. Lacan, Escritos (p. 858). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica.** 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018. 80 p.

MORAES, V. Operário em Construção (1959). Disponível em: <<https://www.letras.com.br/vinicius-de-moraes/o-operario-em-cons-trucao>>. Acesso em: 13/10/2020.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos Ídolos:** Ou Como Filosofar a Marteladas. São Paulo: Editora Escala, 2005.

SARTRE, Jean-Paul. **Reflexões sobre o racismo.** São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1965.

TAGUIEFF, Pierre-André. **La force du préjugé. Essai sur le racisme et ses doubles.** Paris: Éditions La Découverte, 1987.

Recebido: setembro de 2020

Aprovado: novembro de 2020